

BALÕES MISTERIOSOS

Por George Friedman*



Foto da Marinha dos EUA mostra militares recuperando destroços do balão chinês de alta altitude abatido na costa da Carolina do Sul (Tyler Thompson/Marinha dos EUA).

Situações envolvendo balões, objetos voadores não identificados e caças F-22 estão levando as notícias da área das relações internacionais ao nível do bizarro.

A relação entre as nações é sempre complexa e às vezes difícil de entender. Às vezes, entra no reino do bizarro. E então, no nível mais extremo, entra no mundo dos balões, objetos não identificados e caças F-22 – tudo convergindo para, como dizem em Washington, mentiras, malditas mentiras e coletivas de imprensa. Isso é agravado pelo fato de que o provável vilão, a China, afirma que os EUA invadiram o território chinês com balões (palavra deles) pelo menos 10 vezes. Isso é possível, mas também levanta a questão de porque Pequim permitiu tantas invasões sem um sussurro de raiva.

Segundo o Pentágono, os balões espões da China entraram no espaço aéreo de mais de 40 nações nos últimos anos. Dado que esses objetos voadores são de alguma forma visíveis a partir do solo, é estranho que ninguém os tenha visto ao menos com alarde suficiente para ser notado. A questão é o que os chineses estavam procurando – e os americanos também, se as contra-acusações de Pequim estiverem corretas. Ambos os países têm muitos satélites espões, concebidos e usados para mapear as localizações de aeronaves e mísseis com capacidade nuclear e implantados em constelações que detectariam um lançamento inimigo. Esses satélites evoluíram para sistemas que podem detectar uma grande variedade de objetos no solo, bem como alguns que podem detectar sinais eletrônicos.

Os satélites certamente parecem ser úteis em sua missão principal: não houve troca nuclear. Mas, como vários comentaristas disseram, os satélites não podem detectar tudo de forma eficaz. O governo dos EUA não descreveu tudo o que os supostos balões chineses espionaram, o que é razoável, mas me leva a imaginar quais objetos adicionais a China estava procurando e porque eram necessários sistemas lentos de alta altitude. Obviamente, eles não foram encarregados de detectar uma variedade de objetos em tempo real. Para fornecer ampla cobertura, um grande número desses objetos –deveriam ser chamados de objetos em vez de balões, já que são pelo menos parcialmente direcionados – teriam que cobrir o céu, permanecendo relativamente imóveis (e totalmente indefesos), transmitindo dados para sua base e, portanto, visual e eletronicamente detectáveis.

Eles poderiam estar observando mais de perto objetos no solo detectados por satélites. Seus alvos teriam que ficar estáticos por um longo tempo, já que essas naves se movem lentamente. Além disso, teriam que estar ao ar livre. A maioria dessas coisas é melhor examinada por humanos em carros ou, melhor ainda, andando de bicicleta e trocando um pneu em um local estratégico.

O problema que tenho é imaginar que missão que esses objetos poderiam cumprir, uma missão que fosse invisível, permitisse vadiagem se necessário e pudesse evitar a detecção. Pode haver alguns alvos altamente especializados, mas a frota que os chineses parecem ter, e que eles afirmam que os EUA têm, parece excessiva para a tarefa. Uma nave chinesa estava sobre uma base da Força Aérea dos EUA que, sem dúvida, está carregada de segredos, mas quantos desses segredos seriam visíveis ou transmitidos às claras?

Uma missão teórica seria desviar a atenção. A Rússia está muito mais perto do Alasca do que a China. Está envolvida em uma guerra em que os Estados Unidos têm um papel, para dizer o mínimo. Ter naves grandes e estranhas sobrevoando o território continental dos EUA poderia, nessa linha de pensamento, gerar pânico, com o público exigindo que o governo se concentrasse na defesa nacional e não na Ucrânia. Há uma centena de funções diversivas às quais esses objetos podem servir por um tempo limitado, embora o resultado desse episódio seja baixo pânico e alta confusão.

A questão fundamental é como objetos tão grandes, em altitudes que permitem visibilidade aprimorada, podem passar despercebidos se as acusações dos EUA e da China estiverem próximas da verdade. Pelas informações disponíveis, a nave se move com a graça de um elefante e pode ser abatida por uma aeronave, um míssil ou um estilingue certeiro. Eles devem ser incrivelmente avançados, o que explicaria por que o governo dos EUA está segurando respostas. Se a segurança nacional exige, então que seja. Mas o preço é que o governo dos EUA está derrubando aeronaves e, sabendo desde o início que são chinesas, não consegue nos dizer o que encontrou nos destroços.

Eu não acredito que essas perguntas possam ser respondidas assumindo que os atores relevantes são estúpidos ou traidores. Os objetos precisam ser explicados e até agora são incompreensíveis. Aqueles que preferem explicações baseadas em estupidez ou traição são bem-vindos, mas prefiro acreditar que simplesmente não sou capaz de compreender a verdade complexa.

Publicado no [Geopolitical Futures](#).

***George Friedman** é analista geopolítico e estrategista de assuntos internacionais mundialmente reconhecido. É fundador e presidente da Geopolitical Futures, um think tank especializado em relações internacionais e política externa americana. É autor de diversas obras, dentre as quais os best-sellers “Os próximos 100 anos” e “A próxima década”.
